

LITERATURA E INFÂNCIA: O ADULTO EXTRAORDINÁRIO EM *O PEQUENO PRÍNCIPE*

LITERATURE AND CHILDHOOD: THE EXTRAORDINARY ADULT IN *THE LITTLE PRINCE*

Jocilene Scaini Marinheiro¹

jocilenescaini@gmail.com

Eloisa da Rosa Oliveira²

elo@unesc.net

RESUMO

Escrita em 1943, a obra *O Pequeno Príncipe* de Antonie de Saint-Exupéry apresenta a história de um menino que visita, entre outros planetas, a Terra e, com isso, tem um encontro com o narrador, aviador. A história discorre trazendo várias reflexões sobre a relação do universo infantil e adulto e é a partir daí que surge o objetivo principal deste estudo: compreender como se dá a representação da infância na obra. A abordagem metodológica utilizada neste estudo foi bibliográfica e qualitativa. Partindo das concepções de infância descritas por Ariès (1981), estudamos aqui sobre como surgiu a Literatura Infantil com o intuito de educar a criança no final do século XVII e durante o século XVIII. Sob estes aspectos, elencamos que a literatura teve em seu início o objetivo de instruir. Em contrapartida, ao analisar a obra em questão, identificamos a representação da criança nas falas e ensinamentos do Pequeno Príncipe reivindicando seu papel de protagonista. Isso só é possível, segundo Zilberman (1998), quando a obra indicada apresenta com autenticidade a realidade da criança, respeitando sua perspectiva. Logo, tivemos a impressão de que a representação da infância na obra, ao contrário do propósito original que a Literatura Infantil apresenta, trouxe a perspectiva da criança sobreposta à do adulto. Ao fim do processo, apresentamos a obra como lugar de representação da infância e, assim, contribuindo para compreendermos a Literatura Infantil como espaço em que a criança também pode organizar suas experiências num processo de maior autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil; Infância; Antoine Saint-Exupéry.

ABSTRACT

Written in 1943, 'The Little Prince' by Antonie de Saint-Exupéry presents the story of a boy who visits amongst other planets, the Earth. During his adventure, he has an encounter with the narrator of the story, the aviator. The story is based on several reflections of the relationships between the universe of children and adults, and it is from there that the main objective of this study emerges: to understand how childhood is represented in this book. This is a bibliographic and quantitative approach study. It brings forward the conceptions of childhood as described by Ariès (1981), where Children's Literature emerged with the intention of educating children towards the end of the 17th century and during the 18th century. In this respect, we mention that the literature had the objective of instructing and educating. However, when analysing the book in question, we identified the representation of the child in the teachings found

¹ Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

² Doutoranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e docente do Curso de Letras, na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

within the Little Prince. This is only possible, according to Zilberman (1998), when a work intended for the child authentically presents the reality of the child. Therefore, we had the impression that the representation of childhood within the book, contrary to the original purpose of the Literature, brought the perspective of the child superimposed on that of the adult. At the end of the process, we presented the book as a piece of literature that created a representation of childhood. Also, we found that it contributed to our understanding of Children's Literature as a space in which children can organise their experiences in a process of greater autonomy.

KEYWORDS: Children's Literature; Childhood; Antoine Saint-Exupéry.

1 INTRODUÇÃO

A partir do interesse pela obra *O Pequeno Príncipe*, de Antonie de Saint-Exupéry, e pelos temas Literatura Infantil e Infância, surgiu a oportunidade de aliar o estudo da obra com pesquisa sobre os conceitos ligados aos temas, com objetivo de compreender como se dá a representação da infância neste objeto de pesquisa. Contribuindo para o estudo, contamos com teóricos como Coelho (2006), Zilberman (1998), Kramer (1999) e Palo & Oliveira (1986) que discorrem sobre o fato de a criança ser colocada às margens da sociedade. Isso porque sua voz não costuma ser ouvida, seus valores não são considerados, ao contrário, ela é conduzida por aqueles que têm o poder, e “tudo sabem”, ou seja, os adultos. Logo, para que esta missão (controlar o desenvolvimento intelectual da criança) tivesse êxito, entraram em cena escola e Literatura Infantil como ferramentas moralizantes.

Embora a Literatura para criança tenha surgido no século XVIII, é somente no período contemporâneo que estudos são realizados para refletir a representação da infância nas obras literárias. Isso porque a Literatura Infantil foi usada com intuito pedagógico em suas origens, pois a criança foi conceituada como imatura (incapaz e frágil), e o adulto quem poderia ensinar o certo e o errado. Logo, segundo Zilberman (1998), a produção de Literatura Infantil assume uma posição unilateral, ou seja, do adulto direcionado para a criança sem levar em consideração aquela para a qual o produto é destinado.

No período contemporâneo, diante das várias discussões em torno da Literatura Infantil, um fator permanece em evidência; a representação da infância na Literatura destinada à criança. Segundo Zilberman (1998), para que o livro tenha seu valor literário, é necessário que apresente um ponto de contato com a realidade do universo infantil. Portanto, buscou-se analisar na obra de Saint-Exupéry como se dá a representação da criança na obra.

A obra de Antonie de Saint-Exupery é um clássico da Literatura Universal, considerada Literatura Infantil, porém, cativou não só as crianças, mas também as pessoas grandes. A obra foi escrita em 1943 por Antoine Jean-Baptiste Marie Roger Foscolombe, Conde de Saint-Exupéry, nascido em 29 de junho de 1900, em Lions. Antoine não viveu para saber que “aquele homenzinho extraordinário” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.10), *O Pequeno Príncipe*, seria a obra mais traduzida na França, e um dos livros mais lidos no século XX. Não foi uma pane no deserto de Saara e nem uma mordida de serpente que o fez desaparecer. Mas, foi na França, que Antoine “apareceu na Terra e depois desapareceu” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.93). Em 31 de julho de 1944, ele partiu de uma base aérea na Córsega, seu avião despencou no mar e Sant-Exupéry não foi encontrado. A narrativa acontece em torno da relação adulto e criança. É na voz do narrador, o aviador, que conhecemos o Pequeno Príncipe e suas aventuras pelos planetas que visitou, entre eles, a Terra.

Associamos a análise da obra de Saint-Exupéry às categorias – Infância e Literatura. A pesquisa foi bibliográfica e qualitativa. A análise de dados se deu em paralelo à produção do referencial teórico. Logo, ao mesmo tempo em que apresentamos conceitos na área aqui discutida, também discorremos nossas considerações e pontuações a respeito da obra.

2 INFÂNCIA: HISTÓRIA E CONCEITO

A criança sempre existiu na história da humanidade, mas é somente durante a Idade Moderna que ocorre a descoberta da infância e, por conseguinte, sua conceituação. No entanto, os olhares voltados para ela não a favoreceram, mas sim, a enclausuraram. Segundo Philippe Ariès (1981), referência teórica no que diz respeito à concepção da infância, é no século XII que se têm indícios de algumas representações da infância; pois, antes disso, não havia lugar específico para a criança no mundo. A partir do século XII e até o fim do século XIII havia algumas caracterizações na arte em que as crianças eram apresentadas como miniaturas de adultos deformados.

A criança era vista como um animalzinho, que por muitas vezes morria diante dos altos níveis de mortalidade infantil da época. Todavia, havia um sentimento superficial, que surgiu no século XVII, o qual Ariès (1981) chama de “paparicação”. Além desse sentimento, Ariès aponta também o sentimento de moralização, com o intuito de educá-las.

O primeiro sentimento da infância – caracterizado pela ‘paparicação’ surgiu no meio familiar, na companhia das criancinhas pequenas [sic]. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior à família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes. (ARIÈS, 1981, p. 163).

Além disso, Ariès (1981) apresenta que não havia palavras para distinguir os maiores, os termos acabavam sendo usados para crianças pequenas e grandes. O que na época gerava uma certa ambiguidade, pois falar de infância também era falar de adolescentes e de juventude, sendo que, essas categorias, não eram separadas. Somente mais tarde as instituições escolares fizeram a separação das idades, os olhares se voltaram para a criança e também a arte contribuiu para o registro histórico da ascensão da infância.

Foi no século XVII que se confirma a evolução da representação da criança na arte e na iconografia, as primeiras imagens estavam relacionadas com temas religiosos, pois a alma era representada pela imagem da criança. Já a partir do século XVI a criança começa a ser representada por ela mesma, imagens de crianças vivas e mortas se tornam cada vez mais comuns.

Cada família agora queria possuir retratos de seus filhos, mesmo na idade que eles ainda eram crianças. Esse costume nasceu no século XVII e nunca mais desapareceu. No século XIX, a fotografia substituiu a pintura: o sentimento não mudou. (ARIÈS, 1981, p. 25).

A criança se tornou cada vez mais cercada de cuidado e, sem dúvidas, ela assumiu um lugar de destaque na família. Zilberman (1998) contribui ao apresentar a nova valorização da infância a partir do século XVIII que ocorre pela necessidade da sociedade da época.

A emergência de uma nova noção de família, centrada mais em amplas relações de parentescos, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 1998, p.13).

Por outro lado, ao mesmo tempo em que se descobre a infância também se separa com a finalidade de controlá-la, pois a apreciação da criança levou à preocupação e ao cuidado com essa nova fase que surgia. Mesmo Kramer (1999), Coelho (2006) e Muniz (1999) dizem que para conceituar a infância é necessário olhar para questões culturais, sociais e econômicas, pois esses aspectos definirão o olhar do adulto para com a criança.

A noção de infância e sua conceituação não são um fato que sempre existiu; são, na verdade, produto da evolução da história das sociedades. O olhar sobre a criança e sua valorização na sociedade não ocorreram sempre da mesma maneira, mas, sim, de acordo com a organização de cada sociedade e as estruturas econômicas e sociais em vigor. (MUNIZ, 1999, p. 245).

Muniz (1999) apresenta como foi conceituar a criança em cada período e época e o quanto isso estava relacionado com o contexto histórico do momento. Portanto, em síntese, podemos dizer que ela, a criança, antes do século XII sempre esteve presente, contudo partilhava da vida com o adulto, assim sendo, exercia uma função produtiva e aprendia no contato direto com os adultos. Mas a partir do século XVII surgem sentimentos para com ela, além disso, a partir dessa época a criança foi considerada um ser frágil que precisava de cuidados. Sob essa percepção de fragilidade, a criança é colocada às margens da sociedade, sendo vista como alguém que necessita ser disciplinado. E sob essa percepção é necessário prepará-la para a futura sociedade e, em seguida, as instituições escolares são convocadas para esse papel. “[A] educação aparece como a possibilidade de transformar esse ser, moldando de acordo com os princípios da sociedade da qual virá a participar” (MUNIZ, 1999, p. 24).

Neste momento ocorre o que Ariés (1981) chama de *enclausuramento* da criança: ela é tirada da sociedade pela família e pela escola. A infância é concebida como a primeira idade da vida e nesse período a criança não tem nada a oferecer, mas a receber, logo, socialmente, ela não existe.

A rejeição social da criança é camuflada e justificada ideologicamente pela ideia de que a criança não é ainda um ser social no sentido próprio do termo. Por isso, interpretam-se os comportamentos sociais da criança em termos de natureza infantil: fraqueza, impotência, inocência, inacabamento etc. (CHARLOT, 1999, p. 112).

Não é muito diferente na sociedade contemporânea, embora presenciemos uma variedade de estudos avançados sobre a infância. Segundo Kramer (1999, p. 270) ainda “assistimos com horror à incapacidade de nossa geração de lidar com as populações infantis e juvenis.” Para a autora, diversas são as áreas do saber que se dedicaram a conhecer a infância, desde a psicologia, a sociologia e até mesmo antropologia. Contudo, ela afirma que a infância deveria estar mais presente nas prioridades e preocupações de todos, pois se existe a humanidade para se deixar histórias é porque há uma infância. Charlot (1986) complementa essa ideia ao falar de como a criança é representada.

A criança é um ser socialmente rejeitado. É totalmente afastada dos círculos de produção e não é considerada por nossas sociedades senão como consumidora ou como filha de consumidor. Não desempenha senão um papel marginal nas relações sociais; é cuidadosamente afastada das reuniões de adultos e, quando, às vezes é tolerada, não se admite que se intrometa nos negócios da ‘gente grande’. (CHARLOT, 1986, p. 111).

Na obra *O Pequeno Príncipe*, encontramos um exemplo de como a criança é vista pelo adulto. Há no texto várias reflexões sobre a relação do universo infantil e adulto, e dentro desse universo percebemos como a criança é representada.

No primeiro encontro entre eles, percebemos logo o espanto do adulto para com a criança ao vê-la sozinha no deserto. “Levantei-me num salto, como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei bem os olhos. Olhei ao meu redor. E vi aquele homenzinho extraordinário que me observava seriamente” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 10). Lembrando Ariès (1981) o avião também define a criança como um adulto em miniatura “homenzinho” e não como uma criança extraordinária. Embora haja aí um elogio, ele está mais associado à figura de uma criança adultizada. É provável que em princípio, o próprio narrador, quando ainda não conhecia o Pequeno Príncipe, tratava-o como um adulto em miniatura, problematizado por Ariès (1981).

3 O MENINO SÁBIO E O ADULTO EXTRAORDINÁRIO EM *O PEQUENO PRÍNCIPE*

Segundo Zilberman (1998), a Literatura Infantil pode desconsiderar o mundo da criança quando reproduz em um personagem ou na atuação de um narrador a censura. Na obra analisada, observamos um sujeito adulto que oscila entre momentos de censura e aprendizagem com a criança. Porém, ao longo do enredo, esse adulto se sensibiliza e passa a ouvir e respeitar mais ainda a amizade com essa criança. No decorrer da obra a imagem de criança fraca e frágil vai sendo desconstruída, pois o narrador nos conta a história de um menino que vive em um planeta e cuida deste. Os deveres e compromissos que este tem com sua rosa, o vulcão e seu pequeno planeta nos apresenta uma criança que embora pequena não é incapaz. Ela possui suas responsabilidades, seu olhar crítico para o mundo ao redor e é sob essa perspectiva que o narrador ouve o homenzinho extraordinário e as experiências vivenciadas por ele.

– É uma questão de disciplina – disse mais tarde o príncipezinho. – Quando a gente acaba a higiene matinal, começa a fazer com cuidado a higiene do planeta. É preciso que nos habituemos a arrancar regularmente os baobás logo que se diferenciam das

roseiras, com as quais muito se parecem quando pequenos. É um trabalho sem graça, mas de fácil execução. (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 22).

O Pequeno Príncipe em sua fala compreende suas responsabilidades, é a criança que compreende seus compromissos, que entende a importância do trabalho, assim, o narrador apresenta a realidade da criança. Nesse ponto, não é necessário que o adulto o ensine sobre suas responsabilidades. Ele é capaz de compreendê-las.

Sobre esse enredo, Zilberman (1998) aponta que a criança tem necessidade de um suporte para organizar suas vivências, logo, a Literatura Infantil preenche esse espaço sempre que centrada na realidade da criança e não com propósitos moralizantes. Além disso, para que as experiências da criança estejam presentes é necessário ouvir o que ela tem a dizer e o que ela apresenta, conforme vimos acima. A criança não é anulada, não é excluída, pelo contrário, na narrativa realizada pelo aviador, é um sujeito que fala sobre como vê o mundo e como estranha a dinâmica do mundo adulto, possibilitando que a obra fique centrada em sua realidade e também gere reflexões filosóficas profícuas para os adultos leitores.

Nesse sentido, a obra apresenta um espaço interessante para que a criança leitora possa organizar suas vivências já que ela poderá se identificar com esse menino, que por vezes se sente incompreendido, mas que tem muito a ensinar com seu olhar para o mundo. Depois de ouvir o depoimento do Pequeno Príncipe em relação ao perigo dos baobás em um planeta pequeno, o narrador chega a comentar sobre o “tom moralista”:

Não gosto de assumir um tom moralista, mas o perigo dos baobás é tão pouco conhecido, e tão grandes são os riscos para aquele que um dia se perca num asteroide, que, ao menos uma vez, abro exceção e digo: crianças! Cuidado com os baobás! (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 22).

Nota-se que o narrador deixa claro não gostar do tom moralista, ou seja, não é intenção dele trazer lições de moral às crianças. Esse posicionamento é outro ponto chave que nos evidencia que a obra não pretende seguir o mesmo viés das obras denunciadas por Zilberman, as quais deixam a criança à margem: escrevem para elas, mas não sobre elas ou a partir do olhar delas. O cuidado e o respeito com que o aviador trata a criança o faz desenhar o que considera o desenho mais impressionante da obra.



Fonte: Saint-Exupéry (2009, p. 23)

Aqui, o narrador aprende com a criança. Graças a ela, outras crianças e até mesmo o adulto aprendem os perigos dos baobás. “E um dia aconselhou-me a fazer um belo desenho para que as crianças do meu planeta tomassem consciência desse perigo” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 22). Não é o adulto que diz o que é *certo* ou *errado*, mas a criança que dá o conselho, reproduzido na voz do narrador, ele respeita e apresenta o ponto de vista dela. Zilberman (1998, p. 40) diz que “o valor literário tão somente emergirá da renúncia ao normativo, o que implica o abandono do ponto de vista do adulto”.

Observar, na Literatura Infantil, por muitas vezes a visão do adulto, a rigidez, a normalidade, faz com que seu valor literário seja diminuído na visão de Zilberman (1998). Paralelo a isso, Zilberman (1998) e Coelho (2000) falam que a literatura também teve seu valor reduzido quando foi vista como mero entretenimento. Notam-se dois extremos até aqui: de um lado a literatura moralista e de outro a de diversão. A Literatura Infantil carrega a missão de educar, isso porque a criança está na fase de aprendizagem, assim, não deve ser mero entretenimento, como também não deve ser mero instrumento pedagógico com objetivo único de ensinar algum conteúdo. Por isso, Zilberman (1998) diz que a Literatura Infantil não pode ser confundida com uma missão pedagógica, pois ela somente realizará sua função social quando vai ao encontro do mundo interior da criança.

Assim, encontramos na obra a literatura que educa, mas não moraliza, a qual Coelho (2000) relata, mas também a Literatura que Zilberman (1998) propõe, a de formação, pois apresenta um conhecimento de mundo desvinculado de uma moral imposta. Na análise realizada na cena dos baobás assim como em outras cenas, percebemos que o narrador fala dos cuidados que devemos ter com eles. Está presente a aprendizagem quando somos alertados de que “[à]s vezes não há inconveniência em protelar um trabalho. Mas quando se trata de baobás, é sempre uma catástrofe” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 22). A criança não está às margens da sociedade, ela ensina e também se identifica com seu mundo.

Também, na cena em que o aviador fica aflito por não ter terminado o conserto do seu avião e a água ter acabado, temos mais reflexões que nos levam a aprender e compreender o mundo da criança. Ou seja, existe aí a construção de conhecimento, formação, porém, não de maneira imposta, e, sim, construída juntamente com o olhar da criança. No oitavo dia de pane no deserto, o aviador bebia o último gole de água enquanto ouvia as histórias do Pequeno Príncipe. Então, decidiu compartilhar com o menino sua preocupação.

– Ah! – disse eu ao pequeno príncipe. – são bem bonitas as tuas lembranças, mas eu não consertei meu avião, não tenho mais nada para beber, e eu também seria feliz se pudesse ir caminhando em direção a uma fonte!
– Minha amiga raposa me disse...
– Meu caro, não se trata mais da raposa!
– Por que?
– Porque vamos morrer de sede...
Ele não compreendeu o meu raciocínio, e me respondeu:
– É bom ter tido um amigo, mesmo que a gente vá morrer. Eu estou muito contente de ter tido uma raposa como amiga...
‘Ele não pode avaliar o perigo’, pensei. ‘Não tem nunca fome ou sede. Um raio de sol lhe basta [...]’. (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 75).

A caminhada de ambos foi longa e no seu decorrer, enquanto o aviador se preocupava com a água e até estava desacreditado de encontrá-la, o Pequeno Príncipe observava todos os detalhes. Contudo, as palavras do menino ecoavam na memória do aviador. “– É bom ter tido um amigo, mesmo que a gente vá morrer. Eu estou muito contente de ter tido uma raposa como amiga...” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 75). Ao ouvir a voz da criança, o adulto, narrador e aviador, começou a compreendê-la. É essa criança que, segundo Kramer (1996, p. 29), não pode mais ser considerada “filhote do homem, ser em maturação, cidadão do futuro, esperança de uma humanidade que não tem mais esperança”. É preciso considerar a criança “como parte da humanidade que é fruto de sua tradição cultural, mas que é também capaz de

recriá-la, refundá-la; criança que reconta e ressignifica sua história.” O avião ouve a criança e reflete os valores construídos por ela e no decorrer da caminhada ele compreende o Pequeno Príncipe.

Diferente do processo histórico em que a criança foi anulada, e a Literatura Infantil fez parte disso, na obra *O Pequeno príncipe* a criança tem espaço de protagonismo e ensina. Este menino extraordinário é criança, mas já tem opinião e compreensão de várias coisas que o próprio adulto não compreende. Quando o adulto olha para a criança e a percebe de fato, ele compreende o mundo que a ela se apresenta e muitas vezes redefine o seu próprio, agora apresentado por ela. O Pequeno Príncipe reapresenta, por meio de sua perspectiva, o planeta Terra ao próprio adulto. À medida que este considera o que a criança fala e a compreende (ouve), podemos perceber que a obra vai dando espaço para uma representação e protagonismo da infância. Segundo Kramer (1996),

[...] a arte, em geral, e o cinema e a literatura em particular, ajudam a constituir esse outro modo de olhar a infância, revelando o seu próprio olhar e como ela pensa, sente e imagina o mundo; ajudam, ainda, a encontrar uma outra maneira de falar da infância, falando de outro modo das crianças. Ouvindo-as, sobretudo. (KRAMER, 1996, p. 29).

Do mais, o adulto consegue se ver enquanto criança, voltar às suas lembranças; nessa perspectiva, ele não se coloca à frente da criança como aquele que “sabe tudo”, mas que aprende com ela. Na obra o menino conforta o adulto em relação a sua partida (aqui compreendida como uma analogia à morte). A criança, embora considerada “frágil e incapaz”, um ser inacabado que não tem nada a oferecer, na obra, *O Pequeno Príncipe* é quem consola o adulto, é o sujeito da ação. Com eloquência, a obra nos apresenta o mundo com o olhar da criança,

– E quando estiveres consolado (a gente sempre se consola), tu ficarás contente por teres me conhecido. Tu serás sempre meu amigo. Terás vontade de rir comigo. E às vezes abrirás tua janela apenas pelo simples prazer...E teus amigos ficarão espantados de ver-te rir olhando o céu. Tu explicarás então: ‘Sim, as estrelas, elas sempre me fazem rir!’ E eles te julgarão louco. Será uma peça que te prego... (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.86).

Aprende-se com o menino que a pessoa querida que partiu estará presente nas lembranças. No processo de compreender o olhar da criança, o adulto é humanizado, ele

aprende que o corpo é “apenas uma velha concha” e “não tem nada de triste numa velha concha...” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.86).

Segundo Bettelheim (1980), as histórias modernas não contemplam em sua grande maioria temas como “morte”, a nossa existência limitada, entre outros; temas que são importantes para a maturidade da criança (e também do adulto). Contudo, na obra, esse tema é abordado, pois não é possível ignorar algo que faz parte da vida do ser humano. Assim, o narrador discorre sobre o assunto dando espaço também para a criança discutir sobre a morte e trazer à tona sua perspectiva sobre esta “passagem” entre a vida e a morte.

De tal modo, trata-se de uma obra que alcançando diversos níveis de leitura, arrebatava tanto a crianças, quanto a jovens e adultos. Webster (2014, p.6) define a obra, *O Pequeno Príncipe*, como “uma fábula para criança”, todavia ao falar das obras de Saint-Exupéry reconhece que, “É demasiado simplista qualificar *Terra dos Homens* como narrativa de viagens, *Piloto de Guerra* como recordações de combate, ou considerar *O Príncipezinho* um conto infantil” (WEBSTER, 2014, p. 6). Pensando ainda no objetivo traçado, notamos que a Literatura Infantil, hoje, desempenha outros papéis além do moralizante, como era em seu princípio. Essas transformações foram positivas, visto que trouxeram a perspectiva da infância mais à tona e para um lugar mais central dentro das obras. Inúmeros diálogos da história ocorrem entre o príncipe e o piloto, cuja perspectiva do menino acrescenta um olhar maduro para a vida em sociedade. Na obra, fica claro que o Príncipezinho ensina e o adulto aprende.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ah! Tu, livro desprezioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal. (MEIRELES, 2016, p. 19, em Problemas na Literatura Infantil).

Percebemos ao analisar a obra *O Pequeno Príncipe* a representação da criança nas falas e ensinamentos. A partir da análise, podemos dizer que o livro apresenta a realidade da criança, ou seja, no enredo identificamos os momentos de fala em que a criança é representada com protagonismo e conseqüentemente ouvida, por meio do narrador. Os estudos feitos sobre as temáticas que nos propusemos analisar no presente trabalho — história e conceito de infância

e literatura, bem como a representação da criança — contribuíram para alcançar nosso objetivo central de compreender como se dá a representação da infância na obra.

Compreendemos a importância de a Literatura Infantil estar centrada na realidade da criança, sem vê-la apenas como um ser frágil, carente de ensinamentos. Em seu papel de formação, a Literatura Infantil que respeita a perspectiva da infância combate para esse apagamento da criança tão presente ao longo da história da sociedade. Logo, é muito importante que a Literatura Infantil possa centrar-se na perspectiva e protagonismo infantil, como é o caso da obra de Exupéry. A narrativa do avião respeitou a criança e nos ensinou que “só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 70). O narrador deu espaço à criança. Em todos os diálogos, a criança é sábia em suas colocações, e a partir do que ela fala, o adulto faz sua reflexão; fato que reafirma o grande espaço de fala destinado ao Pequeno Príncipe na obra, ainda que esta seja narrada por um adulto.

Por isso, dedicamos o subtítulo a um adulto, “o homem extraordinário em *O Pequeno Príncipe*”, pois o narrador abandona sua posição de autoritarismo e permite que a criança seja representada na obra com autenticidade. Escrever para a criança e ouvir a criança significa mais do que lhe entregar uma obra de valor literário, mas também dar lugar a ela na sociedade em que ela vive e na história que está sendo contada.

Ainda que persista uma visão adulta, a presença do universo infantil na obra nos proporcionou presenciar um olhar simples e sensível da criança sobre questões presentes em nosso dia a dia e em nossa sociedade. No decorrer de nossa análise, verificamos que a obra representa o universo infantil, quando o adulto abandona seu ponto de vista, assim reafirmando o que Zilberman (1998) expõe, que a obra indicada para a criança precisa apresentar com autenticidade a realidade da criança.

Também observamos que a obra apresenta uma criança cidadã que não é colocada às margens da sociedade, isto porque o adulto dá o espaço para esta representação. Instruímos com o “adulto” extraordinário, pois ele nos mostrou que os meninos, ou melhor, as crianças são extraordinárias. São cidadãs. Pessoas inseridas na sociedade e que produzem cultura.

Seria “demasiado simplista” definirmos a obra para criança ou para o adulto. A obra dialoga com a criança quando apresenta o universo infantil. Mas também dialoga com o adulto, quando permite que este compreenda o universo infantil.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **A história social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BOJUNGA, L. **A Bolsa Amarela**. Il. Glenda Rubinstein. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica; realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. Tradução Ruth Rissin. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- COELHO, Nelly Coelho. **Literatura infantil; Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- KRAMER, Sônia. **Infância e educação: o necessário caminho de trabalhar contra a barbárie**. In: KRAMER, LEITE, Maria Isabel. GUIMARÃES, Daniela (orgs.). **Infância e educação infantil**. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- _____. **Pesquisando a infância e educação: um encontro com Walter Benjamin**. KRAMER, Sônia. LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância fios e desafios da pesquisa**. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 1996)
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira; História e Histórias**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- LAJOLO, Marisa. **Infância de papel e tinta**. FREITAS, Cesar de Freitas (Org.). **História Social da Infância no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 4. ed, São Paulo: Global, 2016.
- MUNIZ, Luciana. **Naturalmente criança: a educação infantil de uma perspectiva sociocultural**. In: KRAMER, Sônia, LEITE, Maria Isabel. GUIMARÃES, Daniela (Orgs.). **Infância e educação infantil**. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- PALO, Maria José. OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil voz de criança**. São Paulo: Ática, 1986.
- PEREIRA, Rita Ribes Pereira. SOUZA, Solange Jobim e. **Infância, conhecimento e contemporaneidade**. In: KRAMER, Sônia (Org.). **Infância e produção cultural**. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- SAINT-EXUPÉRY, Antonie de. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

WEBSTER, Paul. **Antonie de Saint-Exupéry: vida e morte do príncipezinho**. Editora Vogais, [2014?].

ZILBERMAN, Regina. **A literatura Infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.